

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.



Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Temos muitas vezes dito, por esta folha, que o partido nacional, á cuja frente se acha o gabinete, ainda até hoje não soffreu quebra. Debalde se cancelam em querer mostrar-o dividido e aniquilado: debalde se queira enxergar em tudo signal de enfraquecimento: eram todos ou por má fé, ou por susto. Um facto bem significativo acaba de provar mais, o que sempre temos dito, sempre guiado pelos factos.

Pela morte do Sr. Feijó, teve de eleger-se um senador por esta provincia. Quatro unicos nomes foram os que se apresentaram aos eleitores: o Sr. Torres, ministro da marinha, o Sr. Vianna, ministro da fazenda, o Sr. Andréa, presidente de minas, e o Sr. Saturnino, inspector da alfandega. Ninguem se atreve a contestar a eleição dos dous primeiros: e porque? são ministros, e contra elles se deviam assentar quaequer tiros, que a opposição, se a houvesse, tivesse de disparar: porém não: a candidatura dos dous ministros passou incolume. Não terão inimigos politicos! De necessidade os tem, ou por divergencia de opiniões, ou porque algum lhes pretenderá os logares: mas esses inimigos não se atreveram a apparecer: porque? porque não só reconheceram a impossibilidade de vencer, mas ainda mais reconheceram, que se apparecessem, levariam assobios: seriam tão poucos os votos, que reunissem, que lhes serviria para maior desdouro. A campanha pois foi unicamente entre o Sr. Andréa e o Sr. Saturnino.

Presidente um de uma das mais importantes provincias do imperio, e chefe outro da alfandega da côrte, os amigos do ministerio suppozeram ser indifferente votar em um ou em outro: e neste caso, a eleição a principio teve um character de sympathia pessoal. Mas depois as cousas variaram: o Sr. Saturnino, que fez duas declarações pelo *Jornal do Commercio*, nunca declarou positivamente se era ministerial, isto é, se no caso de que conseguisse ser eleito e escolhido nas questões de confiança, votaria com o ministerio ou não: e isto com algumas outras razões, e sobre tudo com o apoio, que teve o Sr. Saturnino da gente da facção, fez com que muitos dos amigos estremos do ministerio se separassem d'elle. Não é, que muitos o não protegessam; porque se é verdade, o que por ahí se diz, se o Sr. Saturnino teve o apoio das pessoas, que se espalhou, não ha a mais pequena duvida, de que muitos amigos do ministerio, trabalharam em seu

favor. Com tudo, tambem não é menos verdade, que os inimigos do gabinete aproveitaram esta occasião, para o guerrear. Todos a uma fizeram da eleição de senador, o seu campo de batalha, e meio de combate.

Este facto, como por vezes temos dito, prova com toda a evidencia, que a facção não tem nesta côrte o mais pequeno poder; porque se o tivera, não apoiara uma candidatura, que tambem era apoiada pelos amigos do gabinete.

Mas, o que é mais significativo, foi o que aconteceu com a eleição da mesa. Era geralmente sabido, que os amigos dos ministros, se propunham a votar para presidente do collegio eleitoral da côrte, no Sr. Paulino. Tentaram elles medir suas forças com as dos ministeriaes, e de algum modo, protestar contra o voto destes. Consta-nos, que a principio tinham resolvido apresentar o Sr. Lopes Gama: vendo porém, que encontrariam repugnancia geral, lembraram-se do Sr. Salvador José Maciel, ministro da guerra, para opporem ao Sr. Paulino José Soares, ministro dos estrangeiros.

A tanto os levou a necessidade! Os inimigos do gabinete, viram-se obrigados a procurar o apoio de um dos ministros, para assim poder obter alguns votos! Com effeito obtiveram. Em quanto o Sr. Paulino obteve 109 votos, o Sr. Salvador José Maciel obteve 56. E isto, porque muitos, a quem foi pedido o voto para a presidencia, julgaram indifferente (como com effeito em realidade era), votar no Sr. Paulino ou no Sr. Salvador: eram e são dous ministros; os votos dados a um, não podem deslustrar o outro.

Este facto foi o mais significativo, que podia praticar a facção, para mostrar o seu gráo de fraqueza. Com effeito um homem só não teve no collegio, que contasse, que tivesse algumas sympathias, não para vencer, pois que propondo o Sr. Salvador, não venceram, mas para reunir alguns votos! De todos esses, que votaram no Sr. Saturnino, sem ao mesmo tempo votarem em um dos dous ministros, de todos esses nem-um era tal, que pudesse merecer as sympathias do collegio! eram todos nomes repulsivos, que alheariam d'asi os votos dos eleitores!

Parece, que a facção teve em vista tambem um outro fim; e era fazer supportos aos outros ministros, que o Sr. Salvador lhes era hostil; mas os collegas do Sr. Salvador, conhecem muito bem a sua honradez: se estivesse elle desgostoso com os seus collegas, antes de lhes fazer

uma traição, commecaria por pedir a sua demissão. O Sr. ministro da guerra, não podia obstar, a que votassem nelle, assim como ninguem o podia: o Sr. ministro da guerra é destes homens, para quem as cabalas são cousas odiosas, e que nem nellas querem ouvir fallar. Os seus collegas o conhecem perfeitamente; e por isso, se essas foram as vistas da facção, perdeu completamente o seu tempo. Aproveitar-se da influencia do emprego recebido do ministerio, para guerrear a este, a outros pertence.

RELAÇÕES EXTERNAS.

Quando já tinhamos escripto um artigo, que estampámos no ultimo numero, convidando os adversarios do gabinete, a que attendessem as relações externas do paiz, e por ahi procurassem combater o ministerio, que de algum modo havia descoberto o seu pensamento, mandando a Londres um diplomata, não sabiamos, que tão depressa, e mesmo antes as vantagens de um tratado cessasse, o *Diario do Rio* e o *Brasil* se occupariam com a mesma materia, publicando aquelle algumas reflexões, que lhe foram enviadas sobre as vantagens de um tratado com a Prussia, e este expendendo sua opinião no mesmo sentido. Em nosso artigo não fizemos mais, que estabelecer proposições geraes: já em outro anterior o haviamos feito: não deixamos porém ver ainda a nossa opinião: hoje o faremos.

As nações principaes com quem podemos fazer tratados de commercio são: os Estados Unidos da America, a Inglaterra, a França, a Prussia, a Russia, e a Austria: ha muitas outras, d'onde podemos tirar vantagens; mas as que apontamos são as que primeiro se apresentam aos olhos. Se nosso fim é só procurar consumidores a nossos productos, um dos paizes, que nos offerece por agora maiores vantagens, são os Estados Unidos da America; mas se além de consumidores queremos amigos, então os Estados Unidos não nos servem. Os Estados Unidos acham-se em uma posição peculiarissima, não carecem de amigos, e por isso não dão sua amizade com faculdade. De todas as nações, que com elles confinam só a Inglaterra pôde fazer alguma cousa; mas para nada ter que receiar della, tem elles uma arma poderosissima, fechada em uma só palavra: logo que a Inglaterra gritasse — *guerra aos Estados Unidos* — os Estados Unidos gritariam — *independencia nas colonias inglezas* — e os inglezes o sabem, e por isso temem. Se a marinha ingleza pôde incommodar o commercio americano, a marinha americana, e sobre tudo, um immenso numero de aventureiros pôde incommodar o commercio inglez. Uma victoria dos inglezes sobre os americanos, nem uma vantagem daria á aquelles, nem damno a estes: uma victoria dos americanos sobre os inglezes, não daria á aquelles proveito, mas a estes daria muito prejuizo.

E precisa o Brasil só de consumidores? se não poder achar melhor, com elles se deve contentar: mas se poder achar consumidores amigos, melhor fará em os procurar.

Na Inglaterra nem achará consumidores nem amigos. Consumidores não, porque nunca o gabinete de S. James nos sacrificará suas colonias; e o sacrificio dellas valeria qualquer concessão, que nos fosse feita: a Inglaterra tem colonias, que a abastecem dos mesmos generos, que nós a poderiamos abastecer. Amizade, ha muitos annos, que a Inglaterra a não dá a ninguem: com a

mira só no seu interesse, tem amigos, em quanto delles pôde tirar proveito: logo que o não tira, abandona-os.

Demais, a Inglaterra está em um estado muito precario: ameaçada por toda a parte, talvez tenha ainda longos annos de existencia, e nós lh'os suppomos: mas tambem pôde cahir em um momento. Não é na Irlanda, nem na India, que esperamos ver batidos os Inglezes: é na independencia, que todas as nações tem procurado da industria ingleza: é na Inglaterra, que esperamos ver batida a Inglaterra. A aristocracia não quer fazer concessões, as classes inferiores não podem viver, sem que lh'as façam.

A França tambem nos não parece, que deva merecer as nossas sympathias para um tratado de commercio. O que a politica desse paiz fez com o vice-rei do Egypto, e o que fez com o presidente da Cisplatina, não nos deixam ser-lhe favoravel. Luiz Philippe tem um pensamento: a sua conservação e a de sua familia: todos os seus passos são dados neste sentido. Não o censuramos, antes o achamos louvavel; mas é motivo para não desejarmos contrahir obrigação com o rei dos Francezes.

E a França tem tambem suas colonias, que carece favorecer: tem colonias na America e na Africa. A conquista de Argel foi motivada pela necessidade de obter os productos das terras tropicaes: a cidade de Argel está em uma latitude de 36° do norte: todas as suas dependencias são para o sul, isto é, se approximam mais ao equador. Se os Francezes se chegarem a estabelecer definitivamente em Argel, tirarão d'ali o algodão e o assucar, e talvez, que mesmo d'ali possam tirar algum café.

A Russia nos offereceria uma bella alliança commercial e politica: situada nos climas frios, sem colonias, os generos tropicaes lhe são de absoluta necessidade: o café, o assucar, a aguardente e o tabaco tem ali grande consumo; entretanto, que nós carecemos do seu linho, e dos seus alcatrões. A Russia é um alliado seguro. O Brasil deveria fazer esforços por ganhá-la. Ha porém alguma cousa, que entra muito em linha de conta para um tratado com essa potencia: é a sua posição geographica.

E em muito melhores circumstancias, que a Russia está a Prussia. Sem colonias, os generos coloniaes lhe são de absoluta necessidade. Querendo estabelecer-se independente na Europa, não pôde ter duvida em tratar com as nações d'aquem do oceano: sua rivalidade com a Inglaterra, a deve levar a fazer favores ás nações, que se quiserem livrar do jugo desta. Um tratado com a Prussia nos felicitaria o grande mercado do centro da Alemanha. Mas é preciso advertir, que nossas vantagens não serão tão grandes, como se afiguram á primeira vista, porque esse mercado já é nosso por intermedio de Hamburgo, e mesmo de alguns portos da Hollanda, de Lubeck e de Bremen. Um tratado pois com a Prussia, talvez deslocasse mercados, mas não daria muito maior consumo a nossos productos.

Resta-nos a Austria, que é quanto a nós, das grandes nações aquella, com quem mais nos conviria tratar. Uma alliança com essa potencia nos daria o commercio do Mediterraneo; dar-nos-ia franqueza em toda a Italia; e seriam nossos consumidores todos os povos do sul da Alemanha e Estados circumvizinhos. A Austria nem tem colonias, nem aspira a tel-as: a Austria nunca consentirá a influencia na Italia de uma outra potencia, e por con-

sequencia, aquelle, que tratar com ella, terá tratado com Napoles e o Piemonte, os Estados Pontificios, a Toscana, e os outros pequenos Estados. A Austria não tem marinha para proteger-nos, mas tambem a não tem para incommodar-nos: e a Inglaterra não dá um passo na Europa sem a Austria, que lhe é de absoluta necessidade: ameaçada continuamente pela França, é a Austria, que lhe serve de diversão, assim como é com a Austria, que contém a Russia na Polonia e na Turquia. Por isso, que a Austria não tem marinha, nada tem que receiar dos Inglezes, mas os Inglezes, como dito fica, carecem della, e o gabinete de S. James trata bem aquelles, de quem espera favores. Em quanto conspirações se descobrem cada dia na Russia, em quanto as questões religiosas agitam a Prussia, perto de trinta annos de paz inalterada, tem feito gozar a Austria de uma prosperidade digna de inveja. A Austria vende pouco, mas compra muito, e é o de que mais carecemos.

A Austria tem os seus portos de Veneza e Trieste, e por elles recebe aquillo, de que carece: e por causa delles, não terá duvida fazer alianças commerciaes. Este seria o nosso voto: tratar com a Austria, tratar com a Prussia, tratar com a Russia. Mas, é possível fazel-o, nas actuaes circumstancias? Póde o governo abandonar as negociações, que encetou em Londres? Eis aqui a grande difficuldade, difficuldade em que nos collocaram os negociadores do tratado da independencia, os negociadores do tratado sobre a abolição do trafico; os negociadores do tratado de commercio, e depois delles os ministros, que não tiveram duvida ceder a algumas exigencias inglezas, e outros, que não tiveram duvida collocar-nos em hypotheses obscuras. Estas difficuldades, o governo actual as achou, não as criou. Como se sahirá dellas, é agora o grande problema. O negociador, que temos em Londres é habil, mas suppomos, que não tem a sua disposição os meios precisos: dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Mas tambem não entendemos, que porque tem o governo encetado negociações em Londres, as não possa encetar em outros paizes, tanto mais, que qualquer arranjo ahi seria mais facil, pois não existem tantas complicações. Estamos livres quer para com a Russia, quer para com a Prussia, quer para com a Austria. A Hespanha tambem nos offerece muitos consumidores: assim Portugal, a Hollanda, a Belgica, a Dinamarca e a Suecia, paizes todos, que hoje se não movem ao aceno de gabinetes estranhos.

Ha palavras bonitas, que tem fascinado muita gente, mas que reduzidas á realidade, têm produzido gravissimos damnos. Viver sem tratados hoje, é uma utopia, porque, se os não fizermos nós, outros os farão, e ficaremos excluidos desses mercados. A China póde dispensar tratados, e apesar disso, vio correr rios de ouro para suas praças de commercio; mas os productos da China são unicos, não tinham concorrentes, e logo, que os acharam, o commercio dessa parte do mundo começou a diminuir sensivelmente: hoje acha-se reduzido ao chá, a algumas sedas, e a fogueitinhos. Nossos productos porém abundam em outros paizes. — *Necessariamente hão de vir comprar nosso café* — dizem os politicos das esquinas: miseraveis, que não sabem, que no mundo ha muito café sem ser o nosso. O Brasil carece de tratados, com tanto, que estes protejam seu commercio, sua industria, e sua agricultura. O Brasil deve exitar

tratados como o que actualmente existe com a Inglaterra, mas deve tel-os, que lhe assegurem vantagens reaes.

A RUSGA DE PERNAMBUCO.

Ha dias se espalhou um rumor, de que em Pernambuco tinha havido algum movimento politico: logo suppomos, que era desses boatos aterradores adrede espalhados, para assustar a população, e com effeito nada ha positivo, que nos possa fazer receiar pela tranquillidade d'aquella provincia, ou alguma outra do norte. Todavia, nem por isso essa noticia assim espalhada deixou de produzir em nós muito serias reflexões.

Porque razão se espalham semelhantes noticias? para que? qual é o seu fundamento?

Não acreditamos nós, que quando se espalham semelhantes boatos, sejam em tudo e por tudo despidos de fundamento, quando consideramos a facção, que ha tantos annos tem posto em pratica toda a especie de meios já para haver o poder, já para se conservar nelle; que derrotada na imprensa, na tribuna, e até no campo da batalha, ainda assim não deixa de tramar um só dia, não lhe servindo as duras lições da experiencia para conhecer, que luta de balde, pois que a grande maioria da nação a repelle por toda a parte. Sim: bem sabemos, que a convicção, de que não trabalha pelo bem publico, não tem o mais pequeno peso em semelhantes animos: se o tivera, ha muito que se tivera reduzido á inacção, e procurado esconder sua vergonha, onde nem ao menos, fosse lembrada, quanto mais vista; mas as derrotas, que tem soffrido, o deviam ha muito ter feito perder as esperanças de voltar ao poder, ou ao menos conservar-se por muito tempo nelle.

São tão desgraçados esses, que se acham a testa do pequeno grupo, que pretende derrocar o gabinete, que nem ao menos se lembram, que pelo modo, por que se dirigem, seus esforços só tendem a dar mais força aos ministros. Depois de tantas vezes derrotado, esperam acaso triumphar ainda? Com que novos recursos contam? O maior, de que se podiam servir, o proprio monarcha, já o aproveitaram em 1840; e apesar disso, não se poderão sustentar por mais de oito mezes: o que pois podem esperar? Se tivessem esses homens a mais pequena parcella de siso; teriam trabalhado por fraccionar o partido adverso; e por isso teriam abandonado as antigas bandeiras, e teriam hasteado outras, para poderem fazer proselytos: mas assim elles mesmos se reduzem a impossibilidade de vencer. Como podem esperar, que se unam a elles homens, que tantas vezes os tem combatido? Os Nunes Machado, e os Urbanos são felizmente mui raros: e ainda assim, apesar mesmo de terem aggreddido com tanta violencia o ministerio, durante a sessão legislativa, se se lhes apresentasse um gabinete composto dos chefes da facção, talvez lhe não dessem o seu apoio. A posição em que nos achamos hoje é tal, que nos forçaria, quando o não fizemos por convicção, a apoiar o actual gabinete, pois receiaríamos muito concorrer para lhe diminuir o credito, e assim dar meio a nossos inimigos de os substituir. Não suppomos os ministros actuaes, os unicos homens do Brasil, capazes de bem dirigir a nádo do Estado, por entre os parceiros, de que se acha semeado o mar, em que navegamos; mas no lado, que actualmente os combate, não vemos quem os possa substituir: tem mostrado alguns muito má fé, outros muita incapacidade.

dade, para que os possamos querer na administração do Estado: são homens já conhecidos. Convinha-lhes recolher-se por algum tempo aos bastidores, para nos fazerem acreditar, que modificavam suas ideias, e apparecer depois quando já seus feitos estivessem mais esquecidos; e então combatendo sob novas bandeiras, procurar victoria. Mas hoje, que seus actos ainda nos estão tão frescos na memoria, nem podemos acreditar-os, se se apresentarem sob nova forma, nem é possível, que nem-um d'aquelles, que o combateram, se vão alistar sob seu commando.

Más voltando á questão, que nos occupava, quando olhamos para a facção, não podemos acreditar, que não nutra ella algumas esperanças de algum movimento em alguma das provincias do norte; ha muito que ella para lá dirige seus olhos: ali se acha disposto e preparado um meio de sua particular estima, que é o bacamarte. Antes de tentar-se a rebelião de S. Paulo e Minas, já tentativas se tinham preparado para o norte: se as rebeliões de S. Paulo e Minas não tivessem sido tão promptamente pacificadas, rebeliões deviam apparecer no norte: e hoje rebeliões se tem prophetisado no norte, e rebeliões se tramam, e parece que rebeliões se esperam com bravidade. Esses rumores que se espalham, tem por fundamento e base as esperanças da facção, ou seus bons desejos, e trabalhos, que tem preparado e cujo fructo espera recolher.

Não nos assustam elles, nem ella. Somos bastante sfultos: acreditamos que o governo não dorme: e se movimentos se houvessem de receiar, os ministros teriam tomado providencias, que teriam sido percebidas; e entretanto vemos, que o gabinete se não move. Era preciso, que o suppozessesmos composto de homens inteiramente ineptos, para que podessemos acreditar, que suppondo elles, que taes rumores podem ter consequencias serias, todavia esperam de braços cruzados, o que poderá vir. E se taes os suppozessesmos, então não lhe daríamos nosso fraco apoio; então desde já pediríamos em altas vozes a sua substituição, por quem fossem mais providente. Os boatos, que chegam aos nossos ouvidos, chegam aos ouvidos dos ministros; devem mesmo chegar-lhes mais de pressa, e não nos supponmos no tempo, em que os presidentes dirigiam officios sobre officios ao gabinete, pedindo providencias, e noticiavam acontecimentos importantissimos; e entretanto o gabinete se conserva va. mudo e quieto, sem que a nada o bruto se movesse. Cuidamos que os nossos leitores sabem, que nos referimos ao gabinete de outubro de 1835, que tinha a administração, quando aqui chegou do Rio Grande o presidente Braga. E porque temos esta confiança no gabinete, porque supponmos em seus membros solo pelo bem publico, amor da patria, intelligencia e actividade sufficientes, é por isso, que não receíamos, que por em quanto a tranquillidade publica soffra perturbação seria.

E quees seriam os fins da facção promovendo uma desordem em qualquer das provincias do norte ou do sul? Sabem nossos leitores, qual seria o primeiro e principal nesta occasião? Acudir a seus irmãos do sul. Esta guerra do sul é ha muito tempo a causa principal de muitos acontecimentos importantes: hoje que esses heróes, essas estrellas brilhantes estão em decahida, é preciso acudir-lhes quanta antes; é preciso salvá-os, e para isso convém poderosas diversão: Minas e S. Paulo ainda a não podem dar: as derrotas da Venda Grande e Santa Luzia

ainda não dão lugar a novas tentativas: volvem-se por isso os olhos para o norte, e lá se tenta. E se não fossem as considerações, que acima deixamos, nos assustaramos de certo.

Mas não é esse só o unico fim de qualquer movimento tentado pela facção: ha outro fim, que é o de anarchisar o paiz. Uns em boa, outros em ma fé assentaram, que o imperio deve ser uma republica federativa: que cada provincia, cada cidade, mesmo cada villa, deve fazer um Estado soberano: os Estados Unidos são o typo, que offerecem, como se tantos exemplos de imitação dos Estados Unidos não bastassem para desenganar, de que aquella arvore ali plantada, e que tanto ali medrou, sem que porém se possam talvez assignar as causas particulares desse phenomeno, em qualquer outro lugar, é arvore exotica, incapaz de achimatar-se; como se o exemplo dos Estados Unidos, não fosse inteiramente contra-productente. Não é agora occasião de desenvolver esta materia; porém certamente visionario foi Ramon Sallas, e visionarios são todos aquellos, que tem entendido, que o governo dos Estados Unidos, é o prototypo dos governos. Foram Montesquieu e Voltaire causa de grandes males na Europa, pela admiração cega, que votaram e excitaram em favor da constituição e instituições inglezas: tem sido causa de grandes males na America, aquellos, que tem preconizado os Estados Unidos como o unico modelo digno de seguir-se.

E não é desgraça, não é ou completa má fé, ou completa ineptidão argumentar com a prosperidade dos Estados Unidos, e pôr de parte as desgraças, por que tem passado todas as republicas da lingua hespanhola, todas sem excepção de uma só? Se esses antigos vice-reinados, se os imperios do Mexico e Perú se tivessem conservado unidos, teriam que invejar aos mais prosperos Estados do globo?

FOLHAS DA FACÇÃO.

A imprensa da facção tem estado muda: *Nacional* e *Pharol* tem estado caladinhos. Temos indagado a causa deste phenomeno. Será porque faltam redactores? não porque para escrever o *Pharol* e o *Nacional*, quem quer serve. Será por falta de responsavel? Também não, porque infelizmente ha muitos Patatibas: e ordinariamente são facéis em calir no laço. O que geralmente se diz é, que os donos das typographias exigem dinheiro pelas impressões, e que d'ahi é que vem o mal todo. Esta ideia tem tanto maior probabilidade, que ha tempos o *Nacional* fez um appello á generosidade dos facciosos; mas parece, que os facciosos ou são mui poucos, ou são mui pouco generosos, porque não responderam ao appello. Omitada do *Pharol* tem se annunciada por vezes, mas até o momento em que escrevemos, não tem apparecido. Queira Deus, que consiga haver alguma somma, com que possa apparecer! fazem-nos tanta falta os contemporâneos! No dia, em que os tínhamos, tínhamos risada certa.

E ahí está a valentia da facção! capaz de derrotar céos e terra, não tem com que sustentar os seus orgãos. E não diziamos bem, quando muitas vezes dissemos, que o *Pharol* e o *Nacional* nada significavam? eram apenas individualidades isoladas, que serviam ao resentimento de alguns queixosos?

VOTAÇÃO DE NICTHEROY.

Os inimigos do Sr. João Caldas em Nictheroy, deram ao Sr. Saturnino 12 votos; o Sr. Torres teve 51! Muitos inimigos tem o Sr. João Caldas!

CALCULO INFALLIVEL.

Querem saber, quantos inimigos tem adquirido o actual gabinete, depois que subiu ao poder! Contem-se os votos, que faltarem ao Sr. Torres, combinados com os que faltaram nas eleições geraes: descontem-se os que se lhe não deram para votar em outro, e satisfazer assim um pedido, e o resultado, será a prova do que dizemos.